



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

ANAIS ELETRÔNICOS

25 a 27 de abril
UEMG/CEFET-MG
Belo Horizonte (MG)

20
17

A EXPRESSÃO DA CORPOREIDADE DE CRIANÇAS DO CONGADO NA ESCOLA

Fernanda Abbatepietro Novaes¹
José Eustáquio de Brito²

- Resumo

Este trabalho apresenta um projeto de pesquisa desenvolvido junto ao programa de pós graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais que pretende investigar a presença das crianças que participam da Guarda de Congo da Irmandade do Rosário de Ibirité no ambiente escolar, articulando suas vivências nestes dois espaços, a partir de sua corporeidade. A noção de corporeidade se caracteriza pela ideia de que é no corpo que a relação sujeito x sociedade se materializa e de que a construção da subjetividade e da identidade estão intimamente ligadas a este corpo, tornando-a indissociável dos saberes construídos nas experiências pessoais, nas relações e vivências sociais. Se pensarmos então a escola, não só como local onde se aprende os conteúdos sistematizados, mas também como palco de vivências e de experiências sociais, podemos considerá-la como um espaço fértil para constituição e expressão da corporeidade da criança. Contudo, para pensar a corporeidade de crianças negras, torna-se necessário que, para além do ambiente escolar, consideremos o universo da cosmovisão africana vivenciada nas comunidades tradicionais afro-brasileiras, onde os saberes produzidos revelam uma forma particular de se relacionar com o mundo. Os rituais presentes no Congado se constituem de técnicas e procedimentos performáticos criados a partir dos valores e da memória da cultura africana que se manifestam através dos corpos. Assim, se pensarmos nas crianças negras que participam dos rituais do Congado, podemos depreender que ao adentrar a escola, elas levam consigo essas marcas, indissociáveis que são de sua corporeidade. Deste contexto, surgiram os questionamentos iniciais que moveram o projeto: Como a dimensão corporal das crianças negras, que participam dos rituais do Congado, se manifesta no ambiente escolar? Como os saberes formais ensinados na escola e os saberes do Congado, que marcam e utilizam o corpo como instrumento de fé, de resistência e afirmação racial, se articulam na constituição da identidade destas crianças? Em que medida, esta experiência afirmativa vivenciada corporalmente no Congado pode ser traduzida na escola? Reconhecendo que as práticas e valores culturais de procedência africana se fazem presentes na corporeidade negra, o eixo argumentativo deste trabalho se baseará nos valores civilizatórios afro-brasileiros: resistência, oralidade, corporeidade. Estes elementos não apenas constituem processos formativos presentes nos rituais do Congado, como também demarcam tensões existentes entre essas formas de conhecimento e a organização do ensino escolar. As contribuições teórico-conceituais que nortearão a pesquisa, pretendem articular o conhecimento sobre as representações e significações do corpo da criança negra, cultura escolar e cultura afro brasileira. O diálogo feito a partir destes campos de abordagem se

1 Mestranda do programa de pós graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG <pietronovaes@yahoo.com.br>

2 Professor Doutor do programa de Pós graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG <joseeustaquio.brito@uemg.br.>

sustenta através da reflexão teórica de autores como Franz Fanon, Leda Maria Martins, Edmilson Pereira de Almeida, Núbia Gomes e Nilma Lino Gomes. Apesar da presença da criança em pesquisas não ser nova, a condição em que as crianças participam das investigações científicas é uma discussão recente que aponta para a necessidade de uma mudança profunda na abordagem do adulto pesquisador junto às crianças. Entre os desafios teórico-metodológicos dessa nova abordagem estão o objetivo de dar voz às crianças e um delineamento da pesquisa que possibilite captar essas vozes. Essa concepção norteou a escolha dos procedimentos metodológicos escolhidos para esta pesquisa. Serão utilizadas técnicas de desenho, escultura e bricolagem para captar as representações das crianças negras sobre o próprio corpo e a observação livre de suas expressões corporais e movimentos no espaço escolar. Se os corpos das crianças negras dos Congados carregam marcas, que são produzidas pelos processos educativos das comunidades congadeiras, pode-se concluir que ao adentrar a escola, a criança leva consigo essas marcas, indissociáveis que são de sua corporeidade. Essa constatação reafirmada pelos elementos expostos no texto, sustentam uma questão central: Como os saberes corporais - produzidos pelas experiências no Congado - e os saberes tradicionais, produzidos no ambiente escolar, se manifestam na presença destas crianças na escola?

Palavras chave: Educação; Corpo; Cultura afro-brasileira; infância.

- Introdução

Durante muito tempo a ciência, calcada no predomínio das ciências naturais, deu ao corpo lugar secundário no mundo das ideias. Nos estudos sobre o tema, prevaleciam o dualismo cartesiano e o determinismo biológico. A partir da segunda metade do século XX, a relação entre o sujeito e seu corpo passa a ser observada por novas lentes. As Ciências Sociais passam a contribuir de forma especial para conferir legitimidade ao corpo como objeto de estudo social, ultrapassando a concepção de homem baseada apenas em uma natureza biológica e inaugurando a noção de natureza cultural do indivíduo.

A noção de corporeidade compreendida neste estudo será baseada no conceito proposto pela sociologia, que compreende o conceito de corporeidade enquanto estrutura simbólica, como a forma com que o sujeito se relaciona com o mundo através de seu corpo, a partir das significações culturais atribuídas a este.

Para Le Breton (2007), o corpo é uma construção social e sua relação com a própria comunidade ressoa mutuamente, como um jogo de espelhos infinito. Ainda que o sujeito se considere autônomo, a linguagem, os gestos, os rituais, os espaços e tempos dos diversos grupos sociais formam uma rede de simbologias à qual o corpo não pode escapar. O corpo é inevitavelmente parte do simbólico. Influencia e é influenciado pela dinâmica social.

A escola, em sua origem, se constitui como a instituição social responsável pela transmissão cultural, que filtra e transmite aos sujeitos as qualidades e conhecimentos desejáveis pelo poder hegemônico, priorizando e institucionalizando certos aspectos da cultura e ocultando e ignorando outros (FORQUIM, 1993). A ideologia positivista que rege a escola tradicional coloca corpo e mente em posições dicotômicas, priorizando a dimensão intelectual, onde a

escrita assume o papel central como forma de transmissão de conhecimento.

Nas culturas africanas, a descentralização da escrita como padrão de conhecimento confere ao corpo um novo status na relação como mundo. Os rituais presentes nas comunidades Congadeiras são um exemplo desta forte ligação como corpo. É através dele, em suas danças, cantos e representações, que a ligação com o sagrado se dá. Esta vivência produz e utiliza saberes corporais que marcam a corporeidade negra. Estas marcas podem ser percebidas, já nas crianças, que participam desde bem cedo das celebrações.

Pensar na presença das crianças negras do Congado na escola e suas relações neste ambiente significa refletir sobre como os saberes aprendidos na educação formal - que historicamente desconsideram e anulam sua condição de sujeitos - são incorporados e como dialogam com os saberes produzidos pela população negra. Segundo Gomes (2002), os saberes produzidos pela população negra revelam uma forma de conhecer o mundo, que se dá a partir de uma diferença que não é só cultural e histórica, mas que está inscrita no corpo, através da cor da pele, dos sinais diacríticos, e ainda nos gestos, na expressão estética, na arte, na linguagem, na maneira de ser e ver o mundo.

- Desenvolvimento

As contribuições teórico-conceituais que norteiam a pesquisa, pretendem articular o conhecimento sobre as representações e significações do corpo da criança negra, cultura escolar e cultura afro brasileira. O diálogo feito a partir destes campos de abordagem sustenta a reflexão teórica que embasará a pesquisa de campo.

A escola e a cultura afro-brasileira

O diálogo entre a cultura escolar e a cultura afro-brasileira, tomará como referência as reflexões da professora Nilma Lino Gomes. Suas publicações levantam questões sobre racismo e desigualdade social e racial na escola e suas relações com a identidade negra. A autora afirma que a escola, durante anos, distorceu e ocultou a contribuição dos negros para a história, a economia e a cultura do Brasil, questiona os motivos de tal ocultamento e propõe ações pedagógicas que problematizem a questão racial (GOMES, 2002).

Suas pesquisas indicam que as políticas públicas que visam à correção e superação das desigualdades sociais e étnico-raciais, são resultado da ação política dos movimentos sociais, com destaque para o Movimento Negro e afirma que as ações afirmativas, advindas de tais políticas, demarcam um espaço “em que confluem princípios gerais de um outro modelo de racionalidade e saberes emancipatórios produzidos pela comunidade negra e sistematizados pelo Movimento Negro ao longo dos tempos” (GOMES, 2008, p.102).

Nesse sentido, a inclusão da Educação das relações étnico raciais e do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nos currículos das escolas da Educação básica, implementadas através da lei 10.639/03, é definida por Gomes (2012), como uma sinalização

de ruptura epistemológica e cultural na Educação brasileira.

Essa ruptura se inicia ao reconhecer as formas e os motivos pelos quais a cultura negra e afro-brasileira são tratadas de forma marginalizada, folclorizada e discriminada nos espaços escolares. Espaços onde o paradigma de conhecimento que norteia a Educação se baseia na hierarquização de culturas e conhecimentos, onde o pensamento ocidental tornou-se hegemônico em detrimento daquele produzido por povos e culturas, explorados, dominados e colonizados.

A discussão sistemática sobre as questões raciais na escola abre espaço para que as vozes silenciadas dos negros sejam ouvidas e trazidas para o diálogo, de forma não estereotipada e mais igualitária, exigindo mudanças de representações e de práticas e questionando lugares de poder. Tal diálogo traz à tona a possibilidade de uma sociedade construída por relações mais equânimes e a efetiva superação das desigualdades étnico-raciais

Extrapolando a dimensão de denúncia sobre as situações de discriminação e representações negativas sobre o negro, a autora defende que a força da cultura afro-brasileira tem aumentado nos últimos anos e sinaliza mudanças que advêm da construção de uma história de reação e resistência

Hoje, apesar dos tempos neoliberais e da situação de exclusão social que afligem a população negra e pobre desse país, a cultura hip-hop, as comunidades - terreiro, as irmandades, as congadas, a capoeira, os penteados afros, a estética negra, a arte, a luta dos movimentos sociais, as comunidades de bairro podem ser considerados como formas contemporâneas de resistência negra no Brasil, construídas num intenso processo de recriação e ressignificação de elementos culturais africanos na experiência da diáspora e, mais particularmente, na experiência brasileira (GOMES, 2002, p. 44).

A pesquisa proposta não pretende, obviamente, desconsiderar a dimensão da “denúncia” no tratamento dado à diferença racial na sociedade e que se reflete e se fortalece no âmbito das relações desenvolvidas na escola. Pretende, no entanto, defender que não se deva perder de vista que as crianças negras, que se fazem presentes em outros espaços formativos, notadamente marcados pela presença da cultura negra, têm o potencial de chamar atenção para novas abordagens, capazes de reconhecer a diversidade racial como uma dimensão constitutiva da história, para valorizá-la nos processos de ensino -aprendizagem.

A relação entre a cultura escolar e a cultura afro-brasileira, da maneira como é abordada pela professora Nilma, suscita que as crianças que pertencem às comunidades negras e frequentam a escola tradicional são educadas sob a tensão epistemológica existente entre esses dois universos, visão que sustentará este estudo.

O Congado como espaço formativo e de afirmação da cultura afro-brasileira

Os valores e significações presentes nas comunidades tradicionais afro-brasileiras revelam

uma forma particular de se relacionar com o outro e com o mundo, construído com base em um sistema de valores próprio, onde se assentam princípios como a ancestralidade, a oralidade e a corporeidade. Esses valores, transmitidos e aprendidos nas comunidades negras, serão compreendidos a partir dos estudos de Leda Maria Martins, Edmilson Pereira de Almeida e Núbia Gomes, referências nos estudos da cultura afro-brasileira, em especial de comunidades congadeiras de Minas Gerais.

As comunidades congadeiras podem ser entendidas como espaço de resistência cultural e epistemológica, onde através de representações simbólicas como festas, músicas, danças, rituais, os negros reafirmam sua identidade e memória e professam sua fé.

Edmilson Pereira de Almeida, analisa os congados como um dos modos com que os afrodescendentes desenvolveram práticas sociais e preservaram valores simbólicos, em meio às condições adversas resultantes da escravidão. Seus rituais se baseiam em três elementos: a coroação de reis e rainhas, os cortejos e embaixadas, e as danças rituais. Assim, o Congado é entendido como um sistema religioso sincrético, que aproxima heranças africanas de origem banto e aspectos sagrados do catolicismo. Seus devotos cantam, dançam e tocam tambores para louvar seus antepassados negros, as divindades da cultura banto e os santos católicos Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, São Jorge, entre outros. Para o autor, nesta vivência religiosa, muitos brasileiros encontraram seus valores para se relacionar com o mundo (PEREIRA, 2007)

Ancestralidade, oralidade e corporeidade são princípios que constituem os valores civilizatórios afro-brasileiros que norteiam a visão de mundo presente nas práticas do Congado.

Martins (1997) reconhece ser através destes valores civilizatórios, que os festejos do Congado reafirmam todo o saber filosófico banto. A ancestralidade é enunciada como a maneira como passado e presente se mantêm ligados. Descendentes e seus antepassados se ligam através de uma força vital que conduz a própria existência da comunidade. Para o banto, a vida é uma extensão da vida dos antepassados ancestrais. Essa herança ancestral ressoa nas expressões do congado produzindo um saber que se expressa oral e corporalmente na fala, nos cantos, na dança, no vestuário, nos bastões, tambores, caixas e adereços. Essa memória, segundo a autora, é gravada, inscrita e postulada na voz e no corpo, revelando uma perspectiva mais inclusiva e abrangente do que a visão ocidental, onde a memória se inscreve principalmente grafada pela letra escrita (Martins, 2003)

A valorização da memória transmitida através da oralidade não se dá somente através de narrativas, mas também nas festas, danças, músicas e artes, representações simbólicas que valorizam o cotidiano e se caracterizam como fonte de aprendizagem.

Gomes e Pereira (2000), descrevem a oralidade como suporte para a transmissão, preservação e transformação dos saberes. Através da oralidade, os reis e capitães do Congado colocam em diálogo diferentes agentes: ele próprio, a comunidade, os ancestrais e o mundo exterior. A oralidade, conforme definida pelo autor, não pode ser entendida somente como as manifestações desencadeadas pela voz, mas também no que diz respeito ao corpo. A oralidade implica presença.

Corpo e voz são explorados de forma densa em *“Performances da oralitura: corpo, lugar*

de memória”, Martins (2003). A pesquisa, que teve como objeto as performances rituais, cerimônias e festejos, no âmbito dos rituais afro-brasileiros, relaciona corporeidade, oralidade, memória e conhecimento.

[...] toda memória desse conhecimento é instituída na e pela performance ritual dos Congados, por meio de técnicas e procedimentos performáticos veiculados pelo corpo... O universo de cognição expressos nos rituais dos Congados transcria, nas Américas, estilos artísticos africanos, modos de vida e de pertencimento, uma percepção e compreensão do Cosmos diferenciada, assim como uma singular reflexão sobre o sagrado que transcende os idiomas metafísicos ocidentais. Um conhecimento enfim, veiculado pela palavra proferida e cantada, e pela música coreografada na dança. (MARTINS, 2003 p.74)

Para a autora, os rituais do congado são “microsistemas que vazam, fissuram e reorganizam, africana e ágrafamente, o tecido cultural e simbólico brasileiro” (p. 35), mantendo vivas outras formas de se perceber o mundo, que nem sempre dialogam amistosamente com as formas de pensamento privilegiadas no ocidente (MARTINS, 1997).

A partir da reflexão destes autores, ancestralidade, oralidade e corporeidade, podem ser entendidas como valores civilizatórios afro-brasileiros, que orientam uma maneira de conhecer o mundo, onde não há contraposição entre história e memória, corpo e palavra, som e gesto, história individual e memória coletiva, divino e humano.

A corporeidade da criança negra.

A corporeidade já foi estudada por teóricos de diversas áreas de conhecimento como a Psicologia, Filosofia, Ciências Biológicas, Sociologia e a Antropologia. A noção de corporeidade compreendida neste estudo será baseada no conceito proposto por Le Breton. O autor compreende o conceito de corporeidade como a forma com que o sujeito se relaciona com o mundo através de seu corpo, a partir das significações culturais atribuídas a este.

Antes de qualquer coisa, a existência é corporal. As ações que permeiam a vida cotidiana, das mais simples às mais complexas, envolvem a mediação da corporeidade e dependem de um conjunto de sistemas simbólicos que são dados pelo contexto social e cultural em que o homem está inserido. As formas de uso do corpo, os gestos, a expressão dos sentimentos, a percepção sensorial, a etiqueta corporal, as aparências, as inscrições corporais, as representações e valores ligados ao corpo (como racismo, questões de gênero, as deficiências), apontam para o corpo como “vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (LE BRETON, 2007, p. 07)

Pela corporeidade, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão. Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural (idem, p.08)

O autor afirma que esse processo de socialização da experiência corporal acompanha o homem, em sua condição social, durante toda a vida, mas que é na infância e adolescência que se encontra mais latente. A criança, ao nascer está predisposta a interiorizar e reproduzir os traços de qualquer sociedade humana. As formas de sua sensibilidade, a gestualidade, as atividades perceptivas, que desenham o estilo de sua relação com o mundo, serão desenvolvidas, influenciadas pelo padrão cultural da comunidade social em que está inserida. Seu corpo existe, efeito da conjugação entre a educação recebida e as identificações que a levaram a assimilar os comportamentos de seu meio social.

Pensar a corporeidade de crianças negras nesse sentido, significa considerar que os espaços em que transitam e estabelecem suas relações sociais são marcados por seu pertencimento racial. A abordagem acerca da criança negra e seu pertencimento racial presente neste estudo, vai de encontro às reflexões de Anete Abramowics.

Suas reflexões sugerem que as pesquisas sobre Educação e Relações Raciais ultrapassem a dimensão de denúncia e promovam a passagem da visão, que vê a criança negra de forma universal, para ver uma criança negra: singular e múltipla. Sugere ainda, que não se pense o negro como categoria essencializada, já que não existe uma cultura negra na diáspora em sua forma pura, mas sim hibridizada, influenciada por intervenções históricas, políticas e sociais. Assim, afirma que a realidade em que vivem as crianças negras é composta por várias ramificações e, portanto, deve ser entendida de forma mais complexa, enunciando a possibilidade de produzir-se outras marcas sob a clave do negro, como força, presença, afirmação, enfim, marcas positivas. Possibilidade de fugir das noções generalizadas contidas nos binômios preto/branco, criança/adulto e perceber as identidades através da pluralidade e da diferenciação. Segundo a autora, a criança negra, em sua positividade presente na diferença, tem a possibilidade de escapar de ordens hegemônicas centradas no adulto, branco, ocidental, heterossexual (ABRAMOWICS, 2010).

Esta hegemonia epistemológica é a lente através da qual o corpo negro e os processos de opressão que o mesmo tem recebido ao longo da história são abordados por Franz Fanon, em “Pele negra, máscaras brancas”, que também contribuirá para as reflexões teóricas desta pesquisa.

O autor demonstra que racismo e colonialismo são modos socialmente gerados de ver o mundo o que explica sua afirmação de que negros são construídos como negros. Através da narrativa suas experiências vividas, expõe o modo como a construção da identidade é marcada pela condição corporal do negro. Afirma que no mundo branco, o negro encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal, o que faz com que o conhecimento do corpo se torne uma atividade de negação. Em sua análise, “ em torno do corpo negro, reina uma atmosfera densa de incertezas” (FANON, 2008, p. 104).

A pesquisa em Educação em sua relação com as expressões da cultura afro-brasileira

A relação conflituosa entre as experiências afirmativas em relação ao seu pertencimento racial, vivenciadas pelas crianças negras em espaços de tradição da cultura afro brasileira, e

as experiências negativas, vivenciadas na escola e na sociedade em geral, é tema de muitas pesquisas na área da Educação. Alguns destes estudos, realizados recentemente, também serão referência para a pesquisa proposta neste projeto.

Oliveira (2011) identificou essa tensão, ao investigar os sentidos atribuídos à infância por crianças congadeiras da cidade de Pedro Leopoldo. Levando em conta as especificidades de seu pertencimento étnico-racial e a diversidade de espaços por onde circulam, a pesquisa apontou que no interior das práticas do congado as crianças se educam, constroem valores e afirmam-se. Identificou ainda que no discurso das crianças, a escola se apresentou como um espaço-tempo marcado por vivências negativas. A autora define o processo de construção de identidade das crianças, sujeitos da pesquisa, marcado por dúvidas, negação, afirmação e ressignificação.

As pesquisas que problematizam as dimensões formativas no Candomblé também se constituirão como uma referência importante para contextualizar a experiência das crianças no Congado, dada a convergência dessas expressões da cultura afro-brasileira.

A pesquisa de Quintana (2013), indagou sobre o significado da escola para as famílias candomblecistas. Para entender a relação das famílias candomblecistas com a escola foram consideradas duas funções da escola, comumente trabalhadas pela sociologia da educação: a instrumental e a identitária. A função identitária está ligada à integração social, que diz respeito ao aprendizado de conhecimentos e valores necessários para se integrar na sociedade em se que vive e no grupo social a que se pertence. A função instrumental da escola diz respeito às estratégias que possibilitem a inserção em uma sociedade vista como mercado. Todos os entrevistados reconhecem que a escola é importante do ponto de vista instrumental, por ser o meio para inserção no mercado de trabalho. Na mesma medida, todos os entrevistados afirmam que o candomblé constitui espaço social onde são desenvolvidos valores que contribuem para o processo identitário. O autor conclui, afirmando que todos os filhos (as) de santo entrevistados reconhecem a importância dos dois espaços no processo de educação deles próprios e dos filhos, assim como vêm a escola dos filhos como instrumento de mobilidade social.

Esta dicotomia observada, entre as funções da escola e as funções do terreiro no processo educacional, revela o distanciamento existente entre as práticas escolares e as vivências nas comunidades de tradição afro-brasileira e nos faz refletir sobre o que legitima uma escolarização que se quer democrática, quando se despreza o conhecimento produzido em contextos afro-brasileiros? (QUINTANA, 2013).

No sentido de vislumbrar possibilidades de alinhar escolarização e educação aliadas à afirmação identitária, Molina (2013), pesquisou a Mini Comunidade Obá Biyi, um projeto desenvolvido dentro do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, em Salvador, sob responsabilidade da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB), com o intuito de complementar o ensino oficial oferecido às crianças do terreiro. Sua proposta de Educação pluricultural apontava para a construção de uma nova pedagogia, que se desvinculava da ideologia da escrita, baseando-se em dramatizações de contos africanos adaptados. As formas de transmissão de conhecimentos na Mini Comunidade Oba Biyi reproduziam aquelas da cultura Nagô, onde o conhecimento é adquirido ativamente, nas relações pessoais estabelecidas pela oralidade e pelo corpo. A ausência da sala de aula caracterizava um espaço para aprendizagem com permissão ao movimento corporal. A organização das crianças sobre esteiras e divididas em centros de interesse demonstrava que o contato físico não era um problema. A montagem de uma peça

teatral era o carro chefe que comandaria o processo pedagógico. O tema era escolhido de acordo com algo que estivesse mobilizando a comunidade no momento, assim, as reflexões produzidas desde o planejamento até a exibição da peça mobilizavam o universo simbólico das crianças. Os saberes disciplinares passavam a ser utilizados como um instrumento para um fim maior, fortalecendo a proposta de uma educação pluricultural.

Os resultados apontaram que o trabalho com os elementos da cultura Nagô levaram a um alinhamento entre escolarização e educação na afirmação da identidade de crianças negras, onde os valores civilizatórios africanos não se chocaram com o saber escolar.

- Percurso metodológico

Sustentada pela reflexão teórica apresentada, a pesquisa de campo será realizada com as crianças da irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Ibitaré. De acordo com o relato do capitão Alisson Parreiras, o primeiro registro oficial da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Ibitaré se deu em 15 de janeiro de 1950, mas sabe-se que o Congado já existia na região há cerca 110 anos, entre os escravos das fazendas que existiam na região da Várzea do Pantana, que mais tarde viria a transformar na cidade de Ibitaré. Os rituais de louvor a Nossa Senhora do Rosário se iniciam no mês de Setembro, e envolvem novenas, levantamento de bandeira, visitas aos reis e culminam com a realização da festa que acontece sempre no terceiro domingo do mês de Setembro. A irmandade se divide em duas Guardas - Congo e Moçambique - entre as quais se organizam as crianças, jovens e adultos. As crianças iniciam seu aprendizado no Congado, acompanhando os mais velhos e assumindo a função de dançantes e de tocadores de instrumentos nos cortejos.

Foi exatamente a maneira com que as crianças dançavam e tocavam que atraiu meu olhar de pesquisadora, durante as festas que tive oportunidade de acompanhar. Era impossível não me sentir atraída a entender como aquelas crianças, tão jovens, **incorporavam** todo aquele conhecimento

Para Cruz (2008), a criança tem sido objeto de estudo em pesquisas acadêmicas há muito tempo, no entanto, essas são pesquisas sobre as crianças e não com a sua participação direta, onde se revela uma concepção de crianças como “sendo pouco competentes, dependentes do desejo do adulto e sem direito a voz” (p.12). A autora aponta a importância de dar voz e vez às crianças, tradicionalmente marginalizadas nos modelos clássicos de pesquisa, pois, os olhares infantis revelam experiências vividas em contextos históricos específicos, as características de inserção social, questões de gênero, pertença étnica e cultural. Tal realidade gera questões teóricas e implicações éticas na pesquisa, que se colocam como desafios, sobretudo na área da Educação.

Silva et al. (2005) também problematizam os aspectos metodológicos que precisam ser considerados para conhecer os diferentes contextos onde as crianças agem e interagem. Um dos apontamentos que trazem é a necessidade de compreender as crianças não como objetos da pesquisa, mas como sujeitos e alertam que para isso se torna fundamental o ver e o ouvir.

Essa concepção norteou a escolha dos procedimentos metodológicos escolhidos para esta pesquisa.

Para conhecer as representações sobre o próprio corpo que as crianças possuem a proposta será

que as crianças representem a si mesmas através de 4 técnicas: desenho, colagem, massinha, bricolagem. Cada criança escolherá qual dessas técnicas deseja utilizar para retratar a si mesma. Logo após elas serão convidadas a falar sobre o que produziram e serão fotografadas ao lado de sua produção. As falas serão gravadas para posterior análise.

O campo definido para esta etapa da pesquisa será um evento organizado pela Irmandade de N. S. Rosário de Ibirité, dedicado exclusivamente para as crianças. Nessa ocasião, estarão reunidas todas as crianças da irmandade, durante todo o dia, para a realização de atividades como construção de tambores, confecção de bandeiras, etc. Em acordo com capitão Alisson, ficarão reservadas duas horas durante esse evento, para a realização dos procedimentos da pesquisa.

A escolha dessas técnicas para apreender o ponto de vista das crianças, se constitui como uma tentativa de se aproximar de seu universo infantil e construir uma relação mais comunicativa entre pesquisador e pesquisado, minimizando a assimetria na relação entre os mesmos. Rocha (2008) recomenda que para ouvir as crianças, mais do que perguntas e respostas, é necessário construir estratégias de troca e aconselha o cruzamento de diferentes procedimentos que captem as diversas expressões infantis. Nesse sentido, aponta que a comunicação com as crianças não deve se basear exclusivamente na escrita ou na oralidade, contrariando a “lógica da comunicação adultocentrada”.

Oferecer às crianças a opção de escolherem, entre as quatro técnicas, aquela que desejarem para representar a si mesmas tem como objetivo possibilitar que elas próprias escolham a maneira como querem falar e serem ouvidas. Incluir sua participação nas decisões sobre os procedimentos da pesquisa favorece seu envolvimento com a mesma. Reconhecer que as crianças podem participar do que querem dizer e como querem fazer isso, manifestando suas opiniões e desejos, reforça a concepção de infância que admite que crianças são competentes para construir as representações sociais de seu mundo (ROCHA, 2008).

A segunda etapa da pesquisa consiste em identificar como se manifesta no ambiente escolar, a corporeidade das crianças investigadas através dos gestos, expressões, posturas, movimentos e sua relação com sua condição de criança, negra, pertencente ao Congado

Por entender a impossibilidade de planejamento e controle previamente elaborados para entender esse fenômeno, a técnica de investigação será a observação simples. Por observação simples entende-se aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea fatos que aí ocorrem (GIL, 2008). Esse procedimento permitirá que as dimensões e categorias relevantes emergjam e possam ser analisadas durante todo o processo, exigindo que as interpretações e o foco da observação se reajustem durante a investigação.

- Considerações finais

As reflexões apresentadas foram suscitadas pela construção de um projeto de pesquisa que pretende investigar a presença das crianças negras, pertencentes às comunidades Congadeiras, na escola. Foram abordadas questões como o racismo e o preconceito existentes na escola são reforçados pelo modelo de sociedade eurocêntrico e capitalista; a necessidade de fugir das

noções generalizadas sobre o negro e pensar as identidades das crianças negras de maneira plural e diversa; a forma com que essas identidades são construídas através da educação nas comunidades negras; como os valores civilizatórios afro-brasileiros que permeiam essas comunidades, como a resistência, a oralidade e a corporeidade, se relacionam com os processos educativos formais e não formais.

Espera-se como resultado ultrapassar a dimensão de denúncia no tratamento dado à diferença racial na sociedade e que se reflete e se fortalece no âmbito das relações desenvolvidas na escola, para apresentar que as crianças negras, que se fazem presentes em outros espaços formativos, notadamente marcados pela presença da cultura negra, têm o potencial de chamar atenção para novas abordagens, capazes de reconhecer a diversidade racial como uma dimensão constitutiva da história, para valorizá-la nos processos de ensino-aprendizagem.

Ao levar em conta o que as crianças negras têm a dizer sobre os espaços em que transitam diariamente, reafirma-se sua condição de sujeitos históricos e contribui-se também para a organização de propostas pedagógicas que se contraponham à hierarquização e padronização de saberes no ambiente escolar.

- Referências

ABRAMOWICS, A.; OLIVEIRA, F.; RODRIGUES, T. C. ***A criança negra, uma criança e negra.*** In: ABRAMOWICS, A.; GOMES, N. L. (orgs) Educação e Raça: perspectivas políticas pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.75-97.

CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança: A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia H. Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas** São Paulo: Cortez, 2008

CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.** São Paulo: Cortez, 2008, 388p

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 208p

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra.** Aletria, revista de estudos de literatura da Fale / UFMG, Belo Horizonte, p.38 - 47, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos** Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial Por um projeto educativo emancipatório.** Revista *Retratos da Escola*, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 95-108, jan./dez. 2008.

GOMES, Nubia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras Raízes mineiras: Os Arturos. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza edições, 2000. 632p**

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MARTINS, Ieda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário do Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza edições, 1997. 194p**

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura: Corpo lugar da memória. Língua e literatura: limites e fronteiras**, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, 2003

MOLINA, Tiago dos Santos. **Mini comunidade obá biyi: escolarização e educação aliadas à afirmação identitária afro-brasileira**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35, 2012, Porto de Galinhas. Anais eletrônicos... disponível em: < <http://35reuniao.anped.org.br>> acesso em 12.ago.2016

OLIVEIRA, Cláudia Marques. **Cultura afro-brasileira e educação: significados de ser criança negra e congadeira em Pedro Leopoldo – Minas Gerais**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola**. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2007. 311p

QUINTANA, Eduardo. **A relação escola - terreiro na perspectiva de famílias candomblecistas**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36, 2013, Goiânia. Anais eletrônicos... disponível em: < <http://36reuniao.anped.org.br>>. acesso em 12.ago.2016

ROCHA, Eloisa Aires Candal. **Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar**. In: CRUZ, Silvia H. Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas** São Paulo: Cortez, 2008

SILVA, Juliana Pereira da; BARBOSA, Silvia Neli Falcão; KRAMER, Sonia. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças**. Perspectiva, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 41-64, jan./jul. 2005

5 Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

Realização



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO



Apoio



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coparticipação

FADECIT.
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO
DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
MINAS GERAIS